

# SEM APLAUSO NEM VAIA

fotogramas

ROSUALDO RODRIGUES E EQUIPE

## BOA NOITE

Pelos aplausos, a noite de sexta-feira foi uma das melhores para o público do festival. Os curtas *Depois do Escuro*, de Dirceu Lustosa, e *Tudo Cheira a Gasolina*, de Vicente Amorim e Tucca Moraes, tiveram boa acolhida e o longa *Como Nascem os Anjos*, de Murilo Salles Jr., não apenas foi aplaudido em diversos momentos da projeção como foi ovacionado de pé ao final.

## AMOR, AMOR

Das duas abordagens do amor mostradas na tela do Cine Brasília na noite de sábado, o público preferiu o tratamento leve de *Pequeno Dicionário Amoroso*, de Sandra Werneck, à violência de *Um Céu de Estrelas*, de Tata Amaral. Não bastassem as risadas fora de hora, o filme de Tata recebeu vaias (não merecidas, diga-se de passagem) de uma parcela da platéia.

## RINDO DE QUÊ?

Quase todos os diretores que subiram ao palco do Cine Brasília elogiaram a "interatividade" do público daqui. E, claro, a manifestação da platéia é uma peculiaridade do festival. Mas o pessoal às vezes exagera. E irrita. Não dá para entender, por exemplo, os risos em momentos tensos de filmes como *Um Céu de Estrelas* e *Como Nascem os Anjos*. Seria nervosismo?

## VETADO

Quando foi exibido em Gramado, *Como Nascem os Anjos* trazia nos créditos finais um agradecimento ao governador de São Paulo, Luiz Antônio Fleury, pelo patrocínio do Banespa à realização do filme. Isso rendeu duras críticas ao diretor Murilo Salles Jr. durante debate que aconteceu após a exibição do longa. Para muitos, era incoerente, num filme de temática social tão contundente, aquele agradecimento ao governador que ordenou o massacre do Carandiru. Murilo Salles acabou cedendo às críticas e o filme chegou a Brasília sem o agradecimento a Fleury nos créditos.

## SONECA

Depois de seis dias seguindo a maratona de filmes e burburinhos do festival, o ator Tonico Pereira, protagonista de *O Cego que Gritava Luz*, não resistiu. No começo da tarde de sábado, ele encostou a cabeça num sofá do hall do Hotel Nacional e caiu em sono profundo.

## BABY-SITTER

Vida de cineasta brasileiro é fogo. Sábado à tarde, Rosane Svartman, diretora do curta *Anjos Urbanos*, teve que servir de *baby-sitter* para Antônio, o filho de oito meses da colega Paola Barreto, enquanto esta apresentava seu filme *Herodes* na mostra competitiva de 16mm, no Hotel Nacional.

## QUASE

A organização do festival acertou em quase tudo este ano. Mas os furos ficaram por conta do catálogo, que só começou a ser distribuído na sexta-feira, e a má divulgação dos filmes restaurados e das reprises (na tarde do dia seguinte) do programa principal de cada noite. A confirmação só chegou aos jornais na quinta-feira, terceiro dia da mostra competitiva.

## SUPERLOTAÇÃO

Se a frequência do Festival de Cinema de Brasília continuar crescendo a cada ano, os organizadores só terão duas alternativas: ou mudam a sede do evento para um lugar maior ou mantêm a tradição, restringindo a convidados as sessões no Cine Brasília. Outra idéia a ser estudada é instalar um telão do lado de fora do cinema, como já acontece no Festival de Gramado.

Rafael Faria

Da equipe do Correio

**ENQUANTO OS FILMES PRODUZIDOS EM 35 MM DESPERTAVAM REAÇÕES ENTUSIASMADAS NAS PESSOAS QUE SUPERLOTARAM**

**DIARIAMENTE O CINE BRASÍLIA, AS PRODUÇÕES EM 16 MM AMARGARAM A FALTA DE PÚBLICO NO HOTEL NACIONAL.**

Este ano, como em toda edição do Festival de Cinema, uma leva de novos filmes passou quase imperceptível. Não pela falta de qualidade, mas as 21 produções em 16 mm não chegaram às massas.

As mil pessoas em média, que lotaram o Cine Brasília diariamente durante as seis noites de mostra competitiva em 35 mm, deram água na boca nos realizadores em 16 mm. Eles viram seus filmes serem projetados para minguaos aproximadamente 50 espectadores, que se encontravam na sala *vip* do Hotel Nacional na parte da tarde, sendo que a maioria desse público ainda era formada por convidados do festival.

"O maior problema aqui em Brasília é que o público não vê os filmes 16 mm. Basicamente, quem vê é o pessoal do festival", confirma Eduardo Nunes, 27 anos, diretor do belíssimo curta *Terral*, considerado o melhor filme em 16 mm em Gramado.

Com uma platéia formada por gente que faz cinema, o pessoal de 16 ficou sem a interatividade, o termômetro crítico do povo do Cine Brasília. "Nem vaiado a gente pode ser", ironiza Paulo Bocatto, 26 anos, montador do paulista *Um Poquito de Água*. "Pelo direito à vaia!", brinca Cristian Borges, 22 anos, diretor de *Gangorra*.

Feitos em sua maioria por gente nova, proveniente de escolas de cinema, os filmes 16 têm a marca dos baixos orçamentos e do experimentalismo. Muitos são produzidos em disciplinas de faculdade. "Aqui (Hotel Nacional) é lugar das crianças e lá (Cine Brasília) é dos adultos. A gente ainda não entrou no festival. Aqui é a matiné do festival", queixa-se Luciana Canton, 24 anos, aluna da ECA-USP que dirigiu *A Janela*.

Quem faz 16 mm já sabe de antemão que o filme terá menor alcance que os de 35. Por que ainda opta pela bitola menor, então? Por falta de dinheiro e, às vezes, preferência estética.

A produção em 16 é mais simples. O equipamento tem dimensões menores e leveza, o rolo de celulóide, menos caro, dura mais. "Você tem a vantagem da agilidade", diz Geórgia Costa Araújo, 27 anos, que escreveu e dirigiu *Que Deus Te Guie*.

O padrão técnico dos filmes em 16 não tem deixado a desejar e o conteúdo merece respeito. "Os filmes daqui são tão bons ou melhores quanto os de 35 mm", argumenta, com razão, Cristian, 22 anos, aluno de Cinema da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Raro espectador não convidado do festival, Rogério Quintão, 30 anos, acompanhou toda a mostra de 16mm. "Este ano, o nível melhorou bastante. Deu para ver uma diferença enorme de qualidade", explica. "Eu prefiro os filmes em 16, porque são menos demorados, as sacações são mais rápidas, e é experimental, você pode brincar bastante", comenta Rogério.

"Não tem dinheiro, não tem compromisso. Você pode experi-

Henkjan Honing/Divulgação



Um dos destaques da mostra competitiva de 16 mm foi Brasília, *Um Dia em Fevereiro*, filme de 70 minutos dirigido por Maria Augusta Ramos e exibido ontem

mentar, sem ter rabo preso com nada", acredita a cineasta Geórgia. Os filmes em 16 costumam ser bancados por recursos dos próprios realizadores, com a ajuda das escolas para equipamentos. O aclamado *Terral* torrou R\$ 3 mil guardados embaixo do colchão de Eduardo Nunes. "O retorno do curta não é de dinheiro, é de imagem. É poder ter o

Walter Carvalho (fotógrafo de *Pequeno Dicionário Amoroso*) na platéia", resigna-se o diretor, por não ter a presença do público leigo.

Philippe Barcinski, de *A Escada*, prêmio especial do júri em Gramado, fez um balanço positivo do festival para 16 mm. "Aqui é outro quilate que o Cine Brasília. Todos os dias tem umas 50 pessoas. Para 16 mm

está ótimo, porque realmente tem menor fôlego", diz o diretor. Ele gastou R\$ 700 no filme de cinco minutos que já passou pela TV.Cultura, Multishow e Bravo Brasil.

A mostra 16 mm, entretanto, não foi só de curtas de baixo custo. *Brasília, Um Dia em Fevereiro*, por exemplo, dura 70 minutos, tem orçamento de R\$ 200 mil e não teve

uma universitária na direção. Maria Augusta Ramos, 31 anos, morou 11 deles em Brasília e agora vive na Holanda. "Depois de concluir o curso na Escola de Cinema e Televisão Holandesa, quis fazer um documentário sobre o Brasil. Queria acabar com o estereótipo. Provar que a vida aqui é parecida como a de qualquer cidade da Europa", conta.

## A OPINIÃO DA CRÍTICA

FILMES 35 MM EM COMPETIÇÃO	JORNALISTAS					
	Celsó Araújo Rádio Cultura	Inácio Araújo Folha de São Paulo	José Rezende Jr. Correio Braziliense	Rafael Faria Correio Braziliense	Rosualdo Rodrigues Correio Braziliense	Sérgio Bazi Correio Braziliense
Mr. Abracadabra	☆☆☆☆	☆☆	☆☆☆	☆☆☆	—	☆☆☆
Victor Meireles — Quadros da História	☆☆	☆☆	☆☆	☆☆	—	☆☆
O Cego que Gritava Luz	☆☆	☆☆	☆☆	☆☆	☆☆	☆☆
Feliz Aniversário, Urbana	☆☆☆	☆☆	☆☆☆	☆☆☆	☆☆	☆☆
Fornigas e Tao	☆☆☆	☆☆	☆☆	☆☆☆	☆☆	☆☆
Conisco e Dadá	☆☆☆	☆☆	☆☆	☆☆☆	—	☆☆☆
Anjos Urbanos	—	☆☆☆	—	☆☆☆☆	☆☆☆	☆☆☆☆
Razão para Crer	—	☆☆	☆☆	☆☆	☆☆	☆☆
O Lado Certo da Vida Errada	—	☆☆	☆☆	—	☆☆	☆☆
Depois do Escuro	☆☆☆	☆☆	☆☆☆	☆☆☆	☆☆	☆☆
Tudo Cheira a Gasolina	☆☆☆	☆☆	☆☆	☆☆	☆☆	☆☆☆
Como Nascem os Anjos	☆☆☆☆	☆☆	☆☆☆☆	☆☆☆☆	☆☆☆☆	☆☆☆☆
Umá Janela para os Pirneus	☆☆☆	☆☆	☆☆	☆☆	☆☆	☆☆
O Capeta Carybé	☆☆☆	☆☆	☆☆☆	☆☆☆	☆☆☆	☆☆
Um Céu de Estrelas	☆☆	☆☆☆☆	☆☆	☆☆☆	☆☆☆	☆☆☆☆
Pequeno Dicionário Amoroso	☆☆☆	☆☆☆	☆☆☆	☆☆	—	☆☆☆
Alma do Negócio	—	☆☆☆	☆☆☆	—	—	—
Um Homem Sério	—	—	☆☆	—	—	—
Olhos de Vampa	—	—	—	—	—	—
O Baile Perfumado	—	☆☆☆☆	☆☆	—	—	—

## CD-ROM CONDENSA HISTÓRIA DOS CINEASTAS

Será lançado hoje, durante a cerimônia de encerramento do Festival, o CD-Rom *Em memória*. A viagem pela história do cinema nacional será feita por meio do trabalho de 15 cineastas brasileiros já falecidos. "Desde os mais primitivos como Francisco Santos até os pós-modernos Wilson Barros e Chico Botelho", conta Tânia Savietto, diretora-executiva da Cinemateca Brasileira e produtora do CD-Rom.

O CD-Rom contém cerca de mil páginas, ilustradas com 700 fotografias, que incluem imagens de cenas, bastidores, cartazes, diretores, atores.

"Há diálogos emblemáticos e sequências de movimento clássicas para cada um dos cineastas", diz Savietto. A tiragem é de apenas mil exemplares, que serão distribuídos a universidades e centros de pesquisa.